Ecossistema jornalístico

Liliane Ito e Rita Paulino (Orgs.)

50 AÑOS UTPL

RIA Editorial

Ecossistema jornalístico

Liliane Ito e Rita Paulino (Orgs.)

50 AÑOS UTPL

RIA Editorial

FICHA TÉCNICA

Copyright 2021 ©Ria Editorial. Todos os direitos reservados
Foto de capa e design: ©*Denis Renó*
Diagramação: *Luciana Renó*
1.ª edição, Aveiro, dezembro, 2021

ISBN 978-989-8971-54-8

Título: Ecossistema jornalístico
Organizadores: Liliane Ito e Rita Paulino

Esta obra tem licença Creative Commons ***Attribution-NonCommercial-NoDerivatives.*** Você tem o direito de compartilhar, copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato sempre que seja feito o reconhecimento de seus autores, não utilizá-la para fins comerciais e não modificar a obra de nenhuma forma.
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

©Ria Editorial

Aveiro, Portugal
riaeditora@gmail.com
http://www.riaeditorial.com

RECONFIGURAÇÃO DAS REDAÇÕES BRASILEIRAS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Renato Essenfelder[1]
Emílio Sant'Anna[2]
Adriana Pierre Coca[3]

O jornalismo, enxergado como o processo e como o produto do trabalho de jornalistas, vive em estado de beta permanente (Neff & Stark, 2004), sendo constantemente repensado, reconfigurado e reinventado conforme mudam os processos/tecnologias, as relações sociais/laborais (Chia, 1995) e os próprios paradigmas epistemológicos e ontológicos de uma sociedade. Isso significa que são normais, até esperadas, transformações no campo jornalístico. Embora mantenham-se seus valores

1. Doutor, Universidade Fernando Pessoa (Porto, Portugal), investigador associado ao LabCom-UBI e ao CIAC.
ressenfelder@ufp.edu.pt
2. Mestre, Escola Superior de Propaganda e Marketing (São Paulo).
emiliosantanna@gmail.com
3. Doutora, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
apcoca@ualg.pt

centrais, que Reginato (2020) identifica principalmente ao redor da tarefa de "informar de modo qualificado", o modo de produção e as fronteiras precisas dessa função primordial (incluindo a definição sobre o que informar, como, para quem, quando, a que custo) são tensionadas a todo momento por uma amálgama complexa de interesses sociais, políticos, corporativos, financeiros e, por que não, pessoais.

Concordamos com Deuze e Witschge (2015) sobre a impossibilidade de ainda hoje nos agarrarmos a definições monolíticas do jornalismo, apenas para fins didáticos. Afinal, mesmo quando reduzido à sua forma mais básica, entendido puramente como método e prática de contar histórias de interesse público que sejam atuais e verdadeiras, o ofício que conhecemos como jornalismo abre mil flancos para questionamentos que põem em xeque a narrativa pretensamente estável e monolítica (Deuze e Witschge, 2015) que jornalistas ao redor do mundo elaboram sobre a própria profissão como ofício nobre, independente, desinteressado, altruísta, a serviço do público.

Mesmo conceitos amplamente estudados na literatura sobre o jornalismo, como interesse público, atualidade e verdade, estão longe de um consenso pacífico. O jornalismo, como uma entidade viva que circula na sociedade, em vários níveis e com vários interesses e configurações distintos, é muito mais difícil de definir e apreender do que as faculdades de jornalismo fazem parecer (Essenfelder, 2016).

Raramente, contudo, o jornalismo vê ocorrer uma tempestade perfeita, em todos esses níveis, com mudanças notáveis em várias frentes ao mesmo tempo, como a atravessada na atualidade. Suspeitamos que vivemos, neste início do século 21, um momento de singularidade decididamente agravado pela pandemia de Covid-19 que assola o mundo

há quase dois anos e que provocou profundas transformações na forma de pensar, fazer e consumir notícias.

Tendo em mente essas considerações sobre a complexidade do campo, este artigo investiga a transformação que se deu nas Redações de dois dos maiores jornais do Brasil, Folha de S.Paulo e O Estado de S.Paulo, desde o início da pandemia no país, sob a ótica de repórteres e editores envolvidos na produção diária de notícias.

Em março de 2020, o avanço da Covid-19 esvaziou completamente as Redações dessas empresas, então obrigadas a enviarem seus funcionários para casa e substituir as jornadas presenciais pelo teletrabalho, ou *home office*. Tal mudança exigiu adequações feitas às pressas. Em menos de um mês, reuniões de pauta e de planejamento e a produção de notícias se deslocaram e descentralizaram. A apuração das notícias também passou a ser quase que exclusivamente feita à distância, sem trânsito de repórteres.

Exceção feita ao trabalho de fotojornalistas, o ciberespaço se consolidou ainda mais como o local em que a investigação jornalística se dá, ao menos nos meios de comunicação escrita. As consequências dessa mudança abrupta podem ter passado despercebidas pelo leitor, mas passaram por questões estruturais, como o acesso à rede de computadores, a escolha de softwares propícios e o controle de ponto das jornadas, a questões ideológicas e filosóficas sobre o fazer jornalismo à distância, mediante a impossibilidade de estar no local dos acontecimentos. Empresas e funcionários precisaram "reaprender a trabalhar" com a mesma velocidade com que as notícias sobre a pandemia se multiplicavam.

O que parecia ser uma experiência pontual, que duraria poucas semanas, arrastou-se no tempo. Em outubro de 2021, 19 meses após a mudança, as empresas ainda avaliavam se seus profissionais voltariam ou não para as Redações e em quais condições. Consequência direta do teletrabalho, as empresas passaram a economizar custos operacionais. Já os jornalistas economizaram nos deslocamentos e passaram a contar com mais tempo para suas vidas familiar e pessoal – embora, no contexto pandêmico, esse tempo provavelmente não se tenha traduzido em mais contatos efetivos fora do agregado familiar. Por outro lado, é presumível que tenham se enfraquecido os laços sociais e de solidariedade entre os profissionais, bem como valiosas trocas de experiências que poderiam resultar em ideias de pauta e conselhos ou indicações para facilitar ou aprimorar a apuração e a escrita das matérias.

Tendo essas considerações em mente, a presente investigação se debruça sobre a experiência desses profissionais com mais de um ano de teletrabalho e as expectativas de retorno à rotina presencial entre o fim de 2021 e o início de 2022, quando a maioria da população brasileira já deve estar imunizada. Passado (presumivelmente) o pior período da crise do novo coronavírus, como os jornalistas avaliam a experiência do teletrabalho? Desejam voltar ao trabalho presencial? Para responder a essas perguntas, submetemos 19 profissionais dos jornais O Estado de S. Paulo e Folha de S.Paulo a um questionário eletrônico.

Procedimentos Metodológicos

O questionário eletrônico, contendo 11 perguntas – sendo dez estimuladas, de múltipla escolha, e uma aberta, discursiva – foi aplicado entre agosto e setembro de 2021, período em que os casos de Covid-19

no Brasil apresentavam queda acentuada, passando das mais de 60 mil novas confirmações diárias de julho para pouco menos de 30 mil no final de setembro. À medida que acelerava a vacinação no país, durante essa fase da pandemia, uma série de empresas começou a programar o retorno ao trabalho presencial, o que ainda parecia, à altura, distante da vontade da maioria dos funcionários. Segundo pesquisa da consultoria Korn Ferry (Cavallini, 2021) 70% dos profissionais em regime de teletrabalho no país afirmaram, em julho de 2021, que já consideravam o trabalho remoto "o novo normal" e que o retorno à rotina do escritório seria "difícil" e "estranho".

Apesar do avanço da vacinação no país, o percentual da população totalmente imunizada (com as duas doses ou a dose única) não chegava ainda nem a 50% até o dia 10 de outubro, na média nacional. Inglaterra e alguns países-membros da União Europeia ultrapassavam à altura índices superiores a 80% de seus moradores vacinados e retornavam a uma situação de relativa normalidade, com a liberação do uso de máscaras ao ar livre e permissão para a realização de eventos coletivos, como shows e jogos de futebol em estádio.

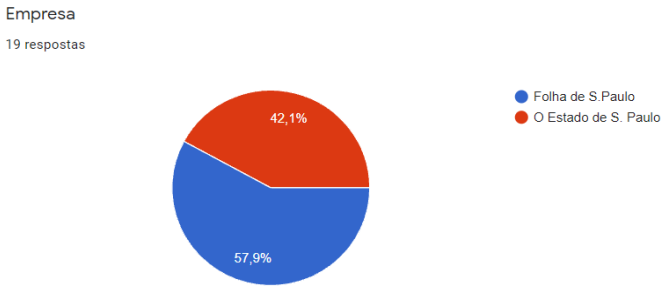
Voltando ao Brasil, Estados como Rio de Janeiro e São Paulo, alardeando índices de vacinação de adultos superiores a 70% e a 90%, respectivamente, discutiam o fim da obrigatoriedade do uso de máscaras ainda no mês de outubro (Mazzo et al., 2021).

No total, 19 jornalistas de O Estado de S.Paulo e da Folha de S.Paulo responderam a 11 perguntas do questionário eletrônico, sendo 10 profissionais da Folha e 9 do Estadão. Mantendo-se o compromisso de confidencialidade de seus nomes, foram entrevistados repórteres, editores e diagramadores dos dois tradicionais jornais paulistas de circulação nacional.

O perfil da amostra em relação à empresa em que trabalham e à renda média auferida pode ser conferido nas Figuras 1 e 2, abaixo reproduzidas.

Figura1

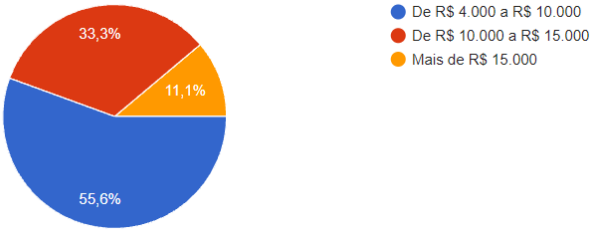
Empresa de Origem



Pesquisa dos autores.

Figura 2

Renda dos profissionais



Pesquisa dos autores.

A maior parte dos profissionais que responderam ao questionário são homens (57,9%), têm entre 31 e 40 anos (47,4%) e possuem renda entre R$ 4 mil e R$ 10 mil (55,6%) – típico perfil de meio de carreira no Estado. Quanto ao tempo que trabalham em suas respectivas empresas, a maioria tem mais de 10 anos de experiência na mesma Redação

jornalística (36,8%), índice seguido de perto pelos que estão entre 5 e 10 anos empregados no mesmo veículo de comunicação (31,6%).

Resultados e Discussão

Questionados sobre a avaliação que esses jornalistas fazem do trabalho remoto, que esvaziou as Redações dos dois jornais e que experimentam desde março de 2020, a maioria absoluta considera o modelo de trabalho positivo. Entre as seguintes possíveis respostas: Ótima, Boa, Indiferente, Ruim ou Péssima, quase a totalidade (95%) optou por uma das duas primeiras alternativas. Para 73,7%, a experiência do trabalho remoto foi Boa. Outros 21,1% consideraram esse modelo Ótimo. Apenas 5,3% disseram que trabalhar de casa vem sendo uma experiência ruim.

Nenhum respondente avaliou esse modelo de produção longe das Redações como Péssimo, como se vê na Figura 3, abaixo.

Figura 3

Avaliação do trabalho fora das Redações durante a pandemia

Pesquisa dos autores.

A aprovação ao modelo de teletrabalho se estendeu quando os respondentes foram chamados a avaliar o impacto do trabalho remoto sobre suas vidas profissionais. À seguinte pergunta: "Como seu trabalho foi afetado pela pandemia de Covid-19 e por não poder estar na Redação?", 42,1% afirmaram que longe da Redação jornalística tiveram mais liberdade para exercer suas funções. Para 26,3%, a interlocução com seus superiores foi afetada por estarem distantes, e 15,8% consideraram que suas apurações sofreram impacto com a mudança. Igual percentual de respondentes não sentiu qualquer efeito negativo ou positivo em seus trabalhos.

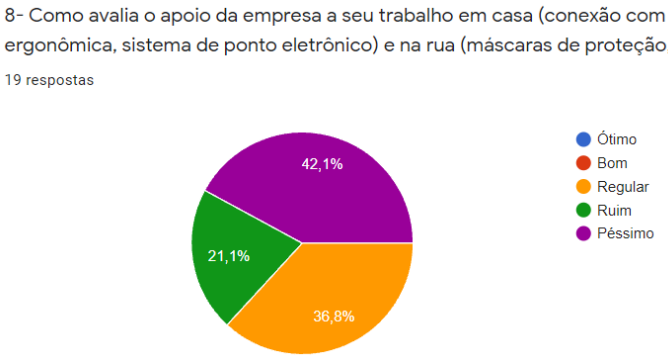
É de se notar que a maior parte dos entrevistados afirmou que passaram a produzir mais trabalhando em casa (63,2%), enquanto 21,1% afirmam que produziram menos, e 15,8% dizem não ter sentido qualquer alteração no nível de produção.

A aprovação, no entanto, não se mantém quando os mesmos profissionais avaliam o suporte que as duas empresas deram a eles para desempenharem suas funções fora das Redações. Os 19 jornalistas foram questionados sobre o que acham da qualidade e do apoio das empresas a itens como a conexão com a internet a partir das casas, oferecimento de cadeira ergonômica e sistema de controle de horas trabalhadas (ponto eletrônico) e também sobre o fornecimento de máscaras de proteção e álcool em gel, material de proteção contra a Covid-19, para o caso de entrevistas e outros trabalhos que exigissem deslocamento para fora de casa. Consideraram Péssimo esse suporte 42,1% dos respondentes. Os que consideraram o suporte Ruim são 21,1%, ante 36,8% que responderam Regular.

Nenhum entrevistado apontou que as empresas prestaram auxílio Ótimo ou Bom ao teletrabalho, conforme se observa na Figura 4, abaixo.

Figura 4

Apoio das empresas ao trabalho remoto e proteção contra a Covid-19



Pesquisa dos autores.

A avaliação dos profissionais também é negativa sobre os efeitos de trabalharem longe de seus colegas. À seguinte pergunta: "Trabalhar longe de outros repórteres e editores afeta seu trabalho?", 68,4% disseram que Sim e 31,6% afirmam que Não.

A questão seguinte foi aberta, de modo que os respondentes de "Sim", que observaram influência prejudicial do isolamento no seu trabalho, puderam explicar melhor de que forma se dava essa interferência. As 12 respostas são apresentadas abaixo, entre elas, são recorrentes os temas da: 1) falta de interlocuções enriquecedoras com colegas e superiores; 2) diminuição da criatividade; 3) dificuldade de planejamento do trabalho.

Tabela 1

Efeitos negativos do teletrabalho

Como estar longe de outros repórteres e editores afeta seu trabalho?
Diminui o senso de equipe e a criatividade
A interlocução com equipe e colegas gera melhora nas pautas e especiais. Eventuais reuniões virtuais ajudaram muito, mas este foi um dos fatores de piora no trabalho
Perdemos as trocas presenciais de ideias
Falta de interlocução sobre assuntos do momento e pautas
É possível desenvolver bem o trabalho de maneira remota, mas é claro, que presencialmente as trocas eram maiores
Processos de retorno e troca de ideias foram prejudicados
Não existe mais a geração espontânea de pautas, que acontecem em conversas de corredor, idas ao café etc...
01) Dificulta a possibilidade de contribuição espontânea, aquela troca natural de ideia sobre determinada pauta; 02) Dificulta a comunicação e planejamento de rotina; 03) Aumenta a prevalência do trabalho na rotina
Sinto falta de trocar ideias e experiências com os colegas
A comunicação foi afetada e passou a ter mais ruídos, pessoas fazendo a mesma tarefa, por exemplo
A interlocução com editores fica reduzida, o que prejudica a orientação do trabalho. Sem a companhia de repórteres, há menos compartilhamento de apuração, o que levar a menos insights
Por mais que tenha uma comunicação por WhatsApp/telefone, a interação acaba sendo menor. Uma dúvida pequena que seria resolvida facilmente no presencial agora demora mais ou nem se pergunta. É mais fácil entender o que ocorre na Redação, ter ideias etc...

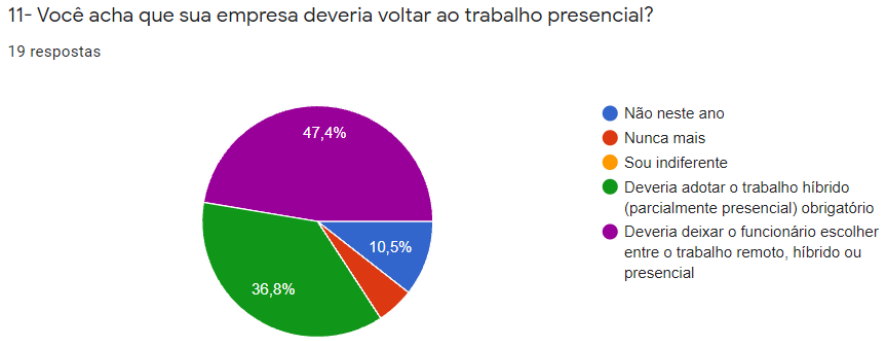
Pesquisa dos autores

Por fim, os 19 jornalistas foram questionados se, e quando, os jornais em que são empregados deveriam retornar ao modelo presencial que predominava antes da pandemia de Covid-19. A essa pergunta, a maioria (47,4%) defendeu que essa seja uma escolha do funcionário, e outros

36,8% defendem um modelo híbrido. Ninguém se declarou indiferente a essa questão, conforme aponta a Figura 5, abaixo reproduzida.

Figura 5

Volta ao normal



Pesquisa dos autores.

Considerações Finais

Com medo e apreensão do alastramento da Covid-19, centenas de jornalistas das Redações de O Estado de S.Paulo e da Folha de S.Paulo foram mandados para trabalhar a partir de suas casas, no início de 2020. O distanciamento da Redação, que se esperava que durasse pouco tempo, permanece sendo o normal 20 meses após o registro do primeiro caso da doença no Brasil, em fevereiro do ano passado. Se àquela época pouco se sabia como, e se, funcionaria a produção e o trabalho jornalísticos à distância, em outubro de 2021 isso já não é uma dúvida. Outras questões, no entanto, surgiram: os profissionais devem voltar ao convívio dos colegas nos mesmos moldes pré-pandêmicos? Quando? Como o

isolamento social forçado, a estrutura doméstica dos jornalistas e as medidas adotadas pelas empresas têm impactado o trabalho realizado?

Na amostra estudada, é significativamente ampla a aprovação à experiência do trabalho jornalístico remoto. Apenas 5,3% dos 19 jornalistas que responderam ao questionário eletrônico disseram que trabalhar de casa vem sendo uma experiência ruim. Da mesma forma, 42,1% afirmaram que longe da Redação jornalística tiveram mais liberdade para exercer suas funções.

A aprovação, no entanto, não se sustenta quando a avaliação recai sobre o suporte que as empresas fornecem aos funcionários e sobre a relação com colegas e as perdas que a falta de convívio gera ao próprio fazer jornalístico.

Entre os efeitos mais citados estão a falta de interlocução com chefes e outros jornalistas e a perda da oportunidade de discussão das pautas, que leva também à perda de criatividade – fator que, embora não figure nas discussões mais ortodoxas sobre o fazer jornalístico, aparece como ponto importante na amostra, o que faz sentido quando lembramos que os jornalistas são agentes culturais criativos e criadores, e não máquinas de reprodução de uma pretensa realidade objetiva (Essenfelder, 2016).

Outra das consequências citadas é o alargamento da jornada de trabalho, quando esta ocorre em casa, o que aponta para a transformação do trabalhador de "sujeito de obediência" descrito por Foucault para "sujeitos de desempenho e produção" (Han, 2015). Nesse sentido, o mesmo parece se dar entre profissionais de outras áreas, queixosos da cultura de trabalho *non-stop* que o distanciamento ajuda a alimentar.

Apesar de levados ao trabalho remoto por uma situação de emergência sanitária completamente anômala, a volta automática e compulsória à

Redação não é um desejo desses profissionais. De um lado, portanto, temos volumosas críticas às empresas, que não fornecem a estrutura adequada, somadas a um reconhecimento efetivo da perda de aspectos sociais que por sua vez afetam a percepção da qualidade do trabalho – embora futuros estudos sejam necessários para mensurar essa eventual perda e melhor caracterizá-la. De outro lado, temos uma situação de total conformidade com o modelo remoto, com 95% dos entrevistados avaliando sua relação pessoal com esse método como ótima ou boa.

A oposição só é paradoxal se tentamos entender a situação pelo prisma exclusivamente produtivista, desconsiderando a vida desses trabalhadores como um todo. É possível que, conforme observamos, os aspectos pessoais compensem amplamente os aspectos profissionais prejudicados pela relação remota. Há que se considerar que os entrevistados são todos moradores de São Paulo, megacidade com mais de 11 milhões de habitantes, com todas as dificuldades de deslocamento, custo de vida (alimentação e transporte diários, entre outros) decorrentes também disso, e lembrar que a falta de tempo para atividades pessoais, para estar com a própria família, ou mesmo para possuir uma vida pessoal concreta, fora da esfera do trabalho, simplesmente, tem sido uma queixa histórica de jornalistas no Brasil e no mundo (Figaro, 2013, 2014; Grisci & Rodrigues, 2007; Reimberg, 2015; Travancas, 1993).

Estudo extenso organizado por Figaro (2014) concluiu que um dos aspectos mais preocupantes na vida dos milhares de jornalistas entrevistados em todo o país na ocasião era justamente a impossibilidade de equilibrar vida pessoal e vida profissional. A maioria dos respondentes à época dizia não conseguir elaborar plano algum para a vida pessoal e

só efetuar planos de curto prazo, nessa seara. Será que a pandemia terá ajudado os jornalistas a alimentarem essa vida pessoal tão negligenciada?

Se for mesmo isso, é compreensível a relutância para o retorno ao trabalho presencial, ainda que os próprios jornalistas percebam vantagens do ponto de vista relacional (com potencial, naturalmente, para ecoarem na qualidade do trabalho realizado). Por ora, O Estado de S.Paulo e Folha de S.Paulo ainda não anunciaram seus planos para o futuro próximo – ou mesmo para o futuro pós-pandêmico. As duas empresas não definiram data para o retorno às atividades presenciais, mas é esperado que em dezembro deste ano parte dos funcionários seja convocada a retornar, no caso da Folha. No Estadão, desde este mês, editores podem marcar reuniões presenciais com suas equipes na Redação. O comparecimento presencial, no entanto, não é obrigatório às equipes.

Dados os limites da amostra avaliada, e as restrições de espaço deste artigo, acreditamos que novos estudos podem vir a confirmar esses resultados e esmiuçar questões como a contradição entre não querer voltar ao trabalho presencial, mas não sentir respaldo da empresa para manter o modelo de *home office*, as razões específicas que levam os jornalistas a preferirem trabalhar em casa, e principalmente a aferição de como o trabalho remoto impacta o jornalismo praticado, em termos da variedade e profundidade de pautas, aspectos relativos às fontes entrevistadas, relações com assessorias de imprensa e *releases*, uso mais intensivo de redes sociais, perdas na qualidade do texto, escrito mais solitariamente, entre muitos outros.

Outra frente de pesquisa está associada aos modernos estudos sobre a centralidade da estrutura das Redações no jornalismo. Tradicionalmente, dizem Deuze e Witschge (2015), os modos de pensar e

de exercer o jornalismo remetem à Redação, tida como forma dominante de emprego e de organização do trabalho no campo. "A Redação se tornou o local para ser um jornalista, para ser reconhecido como tal, e os estudiosos têm validado esse processo, defendendo abordagens etnográficas exclusivamente dedicadas às Redações (Paterson & Domingo, 2011). Mas hoje, com a emergência do jornalismo pós-industrial (Anderson et al., 2013), ganha força uma espécie de jornalismo pós-Redação. Para Wahl-Jorgensen (2009), estamos vendo o começo do desaparecimento da Redação. Nesse contexto, cabe a pergunta: a pandemia terá acelerado esse processo? De que forma e com quais consequências?

Se a Redação não é mais o centro do jornal – e muito menos do jornalismo –, convém investigar de que forma a experiência intensiva com trabalho remoto, no contexto pandêmico, aponta para novas formas de pensar e de fazer o jornalismo, seja ele *mainstream*, como no caso das empresas estudadas, seja em arranjos alternativos.

Referências

Anderson, C. W., Bell, E., & Shirky, C. (2013). *Post-industrial journalism: Adapting to the present.* Columbia Journalism School, Tow Center for Digital Journalism.

Cavallini, M. (2021). Volta ao trabalho presencial será 'difícil' e 'estranha' para os profissionais, diz pesquisa. *G1*. https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2021/08/01/volta-ao-trabalho-presencial-sera-dificil-e-estranha-para-os-profissionais-diz-pesquisa.ghtml

Chia, R. (1995). From modern to postmodern organizational analysis. *Organization Studies 16*(4), 579-604.

Deuze, M., & Witschge, T. (2015). Além do jornalismo. *Leituras do jornalismo, 2*(4).

Essenfelder, Renato. (2016). De transmissor a narrador: desconstrução de estereótipos sobre jornalistas. *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, 6*(18), 31-47.

Figaro, R. (2013). Perfis e discursos de Jornalistas no mundo do trabalho. In R. Figaro (org), *As mudanças no mundo do trabalho do jornalista*. Atlas.

Figaro, R. (2014). Jornalismos e trabalho de jornalistas: desafios para as novas gerações no século XXI. *Revista Parágrafo, 2*(2).

Grisci, C. L. I., & Rodrigues, P. H. (2007). Trabalho imaterial e sofrimento psíquico: o pós-fordismo no jornalismo industrial. *Psicologia & Sociedade, 19*(2), 48-56. http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/20434

Han, B-C. (2017). *Sociedade do cansaço* (E. P. Giachini, trad.). Vozes.

Mazzo, A., Rocha, M., & Pasquini, P. (2021). São Paulo e Rio avaliam tornar máscara opcional em espaços abertos. *Folha de S.Paulo*. https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/10/sao-paulo-e-rio-avaliam-tornar-mascara-opcional-em-espacos-abertos.shtml

Neff, G., & Stark, D. (2004). *Permanently beta*. In L. Lievrouw, & S. Livingstone (eds.), *Handbook of new media* (pp. 173-188). Sage.

Paterson, C., & Domingo, D. (2011). *Making online news*,(2nd ed.). Peter Lang.

Reimberg, C. O. (2015). *O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho* [Tese de doutorado em Comunicação, Universidade de São Paulo. http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-26062015-161358/pt-br.php

Reginato, G. D. (2020). Informar de modo qualificado: a finalidade central do jornalismo nas sociedades democráticas. *Estudos em Jornalismo e Mídia, 17*(1), 43-53.

Travancas, I. S. (1993). *O mundo dos jornalistas*. Summus.

Wahl-Jorgensen, K. (2009). News production, ethnography, and power: on the challenges of newsroom-centricity. *Journalism and Antropology, 21-35.* IU.